

ICBAS uma instituição ajustada ao novo paradigma do ensino das ciências da vida

O sistema universitário enfrenta desafios que devem ser assumidos como naturais num mercado global e altamente competitivo. Na visão do Prof. Dr. Sousa Pereira, diretor do ICBAS - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, o ensino português tem que enfrentar uma revolução e repensar a oferta formativa apresentada a estudantes e profissionais no ativo.



“A nossa preocupação está focada na preparação dos nossos estudantes para uma realidade que revela o esbatimento entre as fronteiras tradicionalmente ligadas à saúde”. O diretor do ICBAS quer com isto dizer que não fugindo às especificidades de algumas vertentes de cada curso, “sempre que possível, tentámos juntá-los para criar desde os bancos da universidade a mentalidade de que a abordagem atual dos problemas que estão ligados à área da saúde se faz de uma forma multidisciplinar”. Esta multidisciplinaridade promove-se não só através do contacto encetado com profissionais da área médica, mas indo buscar aqueles que apa-

rentemente estão distantes do seu campo de atuação, mas que dão “apports” fundamentais para a evolução do conhecimento. É por isso que hoje em dia, para além das suas formações tradicionais – Medicina, Medicina Veterinária e Ciências do Meio Aquático –, o ICBAS se esforça por desenvolver parcerias com outras faculdades para a criação de uma oferta formativa diferenciada, que promove a interdisciplinaridade na abordagem aos problemas que se colocam às ciências da vida. São disso exemplo, os cursos de Bioquímica lecionado em parceria com a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto ou de Bioengenharia ministrado

com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Paralelamente, a atual direção tem tentado, dentro de cada uma das formações, dar aos estudantes a possibilidade de contactarem com realidades diversas num contínuo esforço de diversificação das instituições com as quais têm acordos e parcerias. Por exemplo, no caso da Medicina, para além dos hospitais do Serviço Nacional de Saúde, o Instituto está empenhado no estabelecimento de novas ligações com hospitais do setor privado e do setor social, por forma a dar aos estudantes a oportunidade de conhecerem as várias realidades. “Hoje em dia estamos a formar profissionais para o mercado interno, mas também jovens com ambições de exercer a sua atividade no exterior, por isso temos que conceder-lhes uma visão mais alargada para que eles possam adaptar-se melhor e serem profissionais mais empenhados e competentes”, complementa.

Apesar da crise que abalou todos os setores de atividade, onde se incluem as instituições de ensino superior, na tentativa de não abdicar da qualidade de ensino que lhe está associada, o ICBAS optou por manter o seu plano formativo em pleno funcionamento sem fazer adaptações e sem ter reduções, reforçando a marca distintiva de um ensino prático de elevada qualidade “em que os alunos são colocados em ambientes imersivos de realidade não virtual”.

Ajuste dos programas doutorais

Integrado na Universidade do Porto (UP), o ICBAS desenvolve um programa de doutoramentos bastante alargado que cobre praticamente todas as áreas das

ciências da vida, privilegiando-se a interação com locais altamente diferenciados onde se faz investigação por rotina. Falamos dos laboratórios associados à UP, mas também dos centros hospitalares da cidade do Porto – Centro Hospitalar do Porto e Centro Hospitalar de São João – e do IPO-Porto que revelam padrões de produção científica “extremamente elevados”.

Sobre o futuro destes programas, o Prof. Dr. Sousa Pereira considera que a crise tem diminuído a sua procura, sendo pertinente repensar este sistema e, eventualmente, a sua forma: “Teremos que gerar programas de banda larga com saídas diferenciadas ao nível da realização da tese, contrariando o que se fez nos últimos anos ao nível das licenciaturas, em que se enveredou por cursos muito específicos que colocam enormes dificuldades na obtenção de emprego. Basta olhar para o mercado para perceber que os nossos jovens saem da universidade e não vão, necessariamente, exercer funções di-





retamente relacionadas com a sua área de formação específica. Há hoje profissões inimagináveis há uns anos e, acredito, daqui a 10 haverá outras que não conseguimos prever, por isso temos que formar estudantes em condições para que eles possam usufruir de mercados de trabalho com configurações completamente diferentes da existente. Esse é o grande desafio da Universidade, preparar jovens que se adaptem ao futuro de uma forma eficaz, permitindo que eles desenvolvam todo o seu potencial”, complementa.

Este caminho vai obrigar a repensar alguma da oferta pós-graduada, no sentido de criar ofertas que sejam verdadeiramente profissionalizantes –para aquelas pessoas que querem vir à universidade não para obter um grau adicional, mas para adquirir uma competência adicional – e que podem não passar pela sua presença física, mas por uma interação à distância. “Não nos podemos manter agarrados aos títulos, temos que pensar na importância social que a universidade tem na formação destes públicos”, reforça o nosso interlocutor.

Num tempo em que se convocam para a Escola cenários virtuais, o Prof. Dr. Sousa Pereira adjectiva esta forma de ensino como “interessante”; um caminho que, inevitavelmente, as instituições de ensino superior terão que integrar para facilitar a aprendizagem. Falamos de cenários de intenso realismo que não implicam a presença do aluno e, por isso, podem ser usufruídos mesmo à distância. Ao sistema universitário competirá a criação de novas ofertas que permi-

tam aos profissionais frequentar ações de formação ao longo da vida, revisitando a universidade não necessariamente nos moldes em que tradicionalmente isso é feito, mas recorrendo ao ensino com uso de novas tecnologias. Evidentemente este passo não é possível de dar em todas as áreas, desde logo nas que se centram na esfera da saúde, onde é imprescindível o designado “role model”, o ensino pelo exemplo. “A transmissão de formas de tratamento e valores, como a postura ética ou o respeito pelo doente, não são passíveis de ser realizadas nestes moldes. Vamos ter que ter muita cautela na forma como avançamos para esse futuro, sendo certo que há coisas absolutamente fantásticas que hoje em dia o mundo digital nos permite e que nós temos que aproveitar”, indica o diretor do ICBAS.

Estamos assim perante uma mudança de paradigma no ensino universitário. Atualmente a transmissão de conhecimentos deixou de ter a relevância que tinha, hoje uma das missões da Universidade é treinar os alunos a procurar, a analisar e a validar informação de forma crítica, a diferenciarem o trigo do joio. Essa é a revolução que teremos de assistir no ensino universitário.

A integração das novas tecnologias como ferramenta de apoio à transmissão de conhecimento vai possibilitar ainda que cheguemos a mercados diferentes. “Somos uma das línguas mais faladas do mundo, mas temos que perceber que isso é um capital que temos que por a render”, avança. “Numa Europa sem fronteiras o que marca a exis-

tência das nações é a relevância que elas terão no futuro. Podemos afirmar Portugal como nação, através da afirmação no ensino, na preservação e difusão da cultura, sem uma postura de subserviência perante os outros países. Temos que desenvolver o nosso ensino, afirmando – com algum exagero – as universidades como sendo o exército do século XXI. É dentro das universidades que garantimos a soberania nacional, na medida em que criamos massa crítica competente que nos permite ter projetos próprios, afirmar e difundir esses projetos a nível internacional. A luta por elevar o nível cultural da população é fundamental no país”, enaltece.

Internacionalização

A mobilidade é um dos vetores mais relevantes no contexto universitário, através dela consegue-se que docentes e discentes sejam estimulados com a presença de alunos estrangeiros que trazem outras realidades, permitindo comparar modelos de ensino.

Noutra vertente – considerando a recente aprovação da legislação que regula o estatuto dos estudantes internacionais –, o Prof. Dr. Sousa Pereira considera ser essa uma oportunidade

para a Universidade cativar estudantes estrangeiros que garantem um importante contributo financeiro das instituições de ensino superior. “Temos que perceber que um país onde os recursos físicos não são propriamente muito abundantes, a venda de conhecimento pode ser uma fonte muito grande de divisas e de fundos, algo que a Universidade não pode descurar. Tem que perceber que a venda de conhecimento é uma fonte importante para o seu próprio financiamento, permitindo-lhe aliviar algumas das restrições que resultam de ter orçamentos de estado reduzidos”.

Por fim, há que encarar um outro nível de internacionalização e que diz respeito às equipas de investigação, “onde ainda temos uma taxa de sucesso relativamente reduzida”. Temos que investir fortemente na junção das nossas equipas de investigação com investigadores de outros países, presentes em centros mais avançados, de maneira a que possamos crescer e ter acesso a fundos internacionais altamente importantes para o financiamento da investigação. Não podemos continuar a depender de forma tão significativa de fundos de investigação oriundos dos concursos nacionais. Sobre todos os pontos de vista a internacionalização é fundamental”, conclui.

